

LORENZO BOTURINI E SUAS MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Alfredo CORDIVIOLA*

- **RESUMO:** Durante seus anos de permanência na Nova Espanha (1736-1743), o italiano Lorenzo Boturini conseguiu reunir a mais ampla coleção de documentos pré-hispânicos e coloniais. Com esses documentos, e sob a inspiração da Virgem de Guadalupe (que era também sua chave de acesso para reescrever a história americana) chegou a publicar a *Idea o Ensayo de una nueva Historia General de la América Septentrional* [1746] esboço de uma magna história das Índias que jamais conseguiria concluir. Desavenças com as autoridades, acusações e maledicências interromperam esse projeto, e motivaram os dramáticos acontecimentos que marcaram sua vida: a dispersão da sua coleção, a prisão e o exílio. Oito meses esteve na prisão, durante os quais tentou em vão se defender, antes de ser definitivamente deportado. Como último recurso para obter sua liberdade e recuperar sua confiscada coleção, nesse período escreveu seis cartas em latim, endereçadas ao rei Felipe V, que serão analisadas neste trabalho.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Boturini. Nova Espanha. Cartas.

Entre os italianos cujos destinos estariam inexoravelmente vinculados à Nova Espanha, há reservado um lugar de importância para o nobre Lorenzo Boturini Benaduci. Lombardo, havia nascido em Sondrio, em 1702. Estudou em Milão, morou em Trieste e Viena, e depois em Madri, onde conheceu Manuela de Oca y Silva Moctezuma, condessa de Santibañez, quem dizia ser descendente do *tlatoani* deposto de Tenochtitlan. Em seu caráter de tal, tinha direito a receber uma pensão, e nomeou Boturini como seu representante para que fizesse as gestões pertinentes perante as autoridades do vice-reino. Pode ter sido para cumprir essa missão (que ficaria inconclusa), por curiosidade intelectual, ou pelas armadilhas do destino, mas o fato é que Boturini chegaria à Nova Espanha em fevereiro de 1736. A temporada ultramarina seria longa; lá permaneceu durante oito anos. Nesse período, conseguiu reunir uma dilatada coleção de documentos pré-hispânicos e coloniais, que acabaria sendo expropriada e posteriormente dispersa. O colecionista esteve na prisão durante oito meses, e foi a seguir deportado a Espanha. Em Madri, após anos turbulentos e muitas tentativas fracassadas de recuperar seu acervo, viria a falecer em 1755.

* UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Letras. Recife - PE - Brasil. 50670-901 - alfredo.cordiviola@gmail.com

Artigo recebido em 25/04/2020 e aprovado em 20/07/2020.

A figura de Boturini parece condensar em si vários homens diferentes: um viajante que decide atravessar o oceano em busca de aventuras, um erudito apaixonado que se entrega ao estudo das antiguidades mexicanas, um antiquário que cultiva o prazer da acumulação, um colecionista paciente que aprende as artes da barganha e do favor, um católico devoto que peca por excesso de fervor ou erro de cálculo, um ilustrado entre ilustrados, um estrangeiro entre novo-hispanos, um gestor de propostas duvidosas e empresas pouco confiáveis, um humanista em procura da virtude, um desventurado que perde sua dote e sua fama, um escritor distinguido com o cargo de Cronista, um litigante insistente e pouco afortunado, um resignado praticante do *contemptus mundi*.

Oito anos transcorridos na Nova Espanha, oito meses na prisão e onze anos finais em Madrid. Nesse marco temporal cabem todos esses personagens, que parecem aludir a muitas e atribuladas vidas diferentes. Como se fosse um presságio, sua estadia em terras mexicanas havia se iniciado de maneira pouco promissora, com um naufrágio e um extravio. Em carta escrita vários anos depois a Fernando Triviño, secretário do Consejo de Indias, Boturini lembra que “*Llegue pues en Veracruz con el baxel de Sta Rosa, y Flota del Sr. Pintado, y alli padeci naufragio, y subi a Mexico con el desconsuelo de haber perdido mis avios, y de no tener en el Reino, ni Padre, ni Madre, ni pariente alguno*”¹ (ANTEI, 2010, p. 27). Seu retorno a Espanha, entretanto, seria ainda muito mais dramático. Depois de sair da prisão, o navio em que viajava foi capturado por piratas; abandonado em Gibraltar em extremo desamparo, o incauto italiano conseguiu chegar a Madrid, onde começaria o longo processo para reivindicar seu nome e pleitear a devolução da sua confiscada coleção.

Relembremos aqui como se desenvolve essa trama de ousadias e desventuras, na qual Boturini passara de ser de um viajante curioso que atravessa o oceano a um especialista em antiguidades mexicanas, e de um convicto devoto da virgem de Guadalupe a um convicto presidiário. Todas essas evoluções da sua biografia estão intimamente vinculadas à sorte da coleção de centenas de documentos que conseguiria acumular em alguns poucos anos.

Esses documentos foram copiados em arquivos, adquiridos em zonas rurais e tomados, em grande parte, do conjunto dos papéis da família real de Texcoco reunidos por don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. Herdados por seu sobrinho, foram posteriormente doados a Carlos de Sigüenza y Góngora, e estavam em poder do erudito novo-hispano, junto a dezenas de manuscritos, centenas de livros, códices e mapas que integravam seu acervo. O napolitano Gemelli Careri, que durante sua viagem pelo mundo havia visitado a Nova Espanha nos últimos anos do século XVII, teve a oportunidade de examinar parte desses manuscritos, e reproduzira, em *Giro del mondo*, alguns dos mapas, calendários e retratos que Sigüenza conservava. Com a morte deste, os preciosos arquivos foram remetidos ao Colégio jesuíta de San Pedro y San Pablo, e este seria, portanto, um dos principais focos das investigações realizadas por don Lorenzo.

Pode parecer surpreendente que, sendo estrangeiro, Boturini tenha podido reunir tantos e tão valiosos documentos, mas o pesquisador visitante havia contado, nos seus

¹ “Cheguei então a Veracruz com o navio Sta. Rosa e Frota do Sr. Pintado, e ali padeci naufrágio, e continuei para o México com o desconsolo de ter perdido meus bens, e de não ter no Reino nem Pai, nem Mãe, nem parente algum” (ANTEI, 2010, p. 27, tradução nossa).

primeiros anos no México, com alguns elementos a seu favor que explicam seu sucesso nessa empresa: era culto, guadalupano fervoroso, e sabia se beneficiar, como Gemelli algumas décadas antes, da curiosidade que suscitam os forasteiros. E, acima de tudo, havia conseguido criar fortes vínculos tanto com os círculos letrados da cidade, ao amparo de personagens influentes e bem situados nas redes de poder civil e eclesiástico, quanto com as autoridades indígenas da capital, das áreas circundantes e, especialmente, dos *pueblos de indios* da região de Puebla e Tlaxcala, que balizaram seus intercâmbios intelectuais e favoreceram seu acesso a importantes fontes primárias (ESCAMILLA GONZÁLEZ, 2000).

O objetivo primordial que havia guiado a formação desse vasto arquivo procedia do fascínio que Boturini sentia pela Virgem de Guadalupe, pelas circunstâncias da sua aparição e pelo significado que esta teria para a história americana. Como se sabe, os cronistas contemporâneos do milagre, começando pelo próprio bispo Zumárraga, não haviam sido pródigos em informações acerca do acontecido no Tepeyac. Tema recorrente dos debates intelectuais do século XVIII mexicano, o acontecimento *guadalupano* se torna matéria premente na república das letras e também nas ruas, onde a feroz epidemia de *matlazahuatl*, a pior do século, que afligiu a Nova Espanha no mesmo ano da chegada de Boturini (CUENYA, 1996), reforça a devoção generalizada e consagra a Virgem, proclamada oficialmente em 1737, como padroeira e grande protetora da cidade.

Celestial proteção contra a peste e assunto livresco dos historiadores da pátria, a figura da divina intercessora da nação adquire assim um lugar definitivamente central na vida novo-hispana. Entre a ausência de fundamentos históricos e provas documentais que permitissem verificar as aparições e as urgências do protonacionalismo novo-hispano, que começava a fundar na Virgem a constância da diferença americana, entre a fé e o argumento, o *guadalupanismo*, e todas as questões políticas, religiosas e filosóficas que orbitavam ao seu redor, estavam em pleno auge nessa primeira metade do século.

Não era exatamente uma novidade, porque no século anterior isso tudo também havia sido profusamente discutido. Algumas provas disso foram o apocalíptico *Imagen de la Virgen María Madre de Dios Guadalupe* [1648], de Miguel Sanchez, e a publicação, em 1649, de vários textos alusivos em náhuatl, que em princípio foram editados por Luís Lasso de la Vega². Um desses textos, provavelmente escrito por volta de 1556, seria conhecido como *Nican mopohua*, atribuído por Sigüenza y Góngora, que possuía o manuscrito na sua coleção, a Antonio Valeriano, o intelectual indígena formado no colégio franciscano de Tlatelolco³. Anos depois, em 1666, Luís Becerra Tanco redige *Origen milagroso del santuario de Nuestra Señora de Guadalupe*, e em 1688, aparece o tratado do jesuíta Francisco de Florencia, *La estrella del norte de México aparecida al rayar el día de la luz evangélica en este Nuevo Mundo*, que compilava notícias e tradições sobre o episódio.

² O título era *Huei tlamahuiçoltica omonexiti in ilhuicac tlatocacibupilli Santa Maria totlaçonantzin Guadalupe in nican huei altepenahuac Mexico itocayocan Tepeyacac* (El gran acontecimiento con que se le apareció la Señora Reina del cielo Santa María, nuestra querida Madre de Guadalupe, aquí cerca de la Ciudad de México, en el lugar nombrado Tepeyac).

³ Cf. LEÓN PORTILLA, 2000.

Como se vê, o tema possuía uma firme presença na profusa tradição historiográfica dos Seiscentos. Porém, foi depois da epidemia de 1736 quando o debate veio a adquirir ainda mais intensidade. Cayetano Cabrera y Quintero, cronista da Virgem e rival de Boturini (a quem pejorativamente se refere como “extraidor de mapas, desenterrador de notícias”⁴ (ESCAMILLA GONZÁLEZ, 2000, p. 212, tradução nossa)), publica em 1741 *El patronato disputado*, e em 1746, *Escudo de armas de México*, sua crônica sobre a peste e a portentosa proteção divina. Nesse ano, a Virgem era jurada padroeira geral da Nova Espanha (ESCAMILLA GONZÁLEZ, 2000).

Fazendo parte desse contexto fervorosamente *guadalupano*, Boturini, no entanto, pretendia investigar por outros caminhos diferentes dos trilhados pela prosa exegética barroca. Buscava provas nos “*monumentos indisputables de los mismos índios*”, e estava convencido de que nas fontes indígenas encontraria dados basilares que lhe permitiriam fundamentar cientificamente, com testemunhos verídicos, não só a visão de Juan Diego e as miraculosas marcas inscritas na sua *tilma*, mas também o significado que esse episódio, junto com outras aparições, teria para definir a história da expansão universal do cristianismo e o lugar que o México ocupava nessa história. Nessa aventura intelectual, não podia se permitir ser visto como um mero amador (como havia sido seu antecessor Gemelli Careri), mas como um pesquisador rigoroso, que continuava o caminho já traçado pelo sábio Sigüenza (RUBIAL GARCÍA; ESCAMILLA, 2002). Entre a curiosidade do humanista, a reivindicação do passado indígena e a necessidade de verificação documental, Boturini imaginava ser uma espécie de cronista oficial do prodígio, duplamente amparado pelos sentimentos piedosos e pelo imperativo de sustentar suas afirmações com provas concretas. Essa dupla adscrição revela, segundo indica Jorge Cañizares Esguerra (2007, p. 215),

[...] *que el italiano vivió a caballo entre dos mundos: el de los anticuarios del Barroco, ocupados en recrear los orígenes de cultos religiosos con técnicas variopintas, y el de los críticos de la Ilustración, dedicados a desechar como absurdas las narrativas del pasado creadas por los cronistas e historiadores del Renacimiento y el Barroco.*⁵

Concebido entre dois mundos, esse magno projeto historiográfico inicialmente contava com o apoio das autoridades eclesiásticas e dos circuitos intelectuais em que Boturini estava inserido. A Virgem americana, que se manifesta em náhuatl para reafirmar a fé diante do indígena humilde, podia ser a chave mestra para interpelar e definir toda a história do Novo Mundo. Era essa sua obsessão e objeto principal de todas suas indagações. Seria, no entanto, também o motivo da ruína da sua reputação pessoal, e da consequente desagregação sofrida pelo repertório que tão afanosamente havia compilado.

⁴ “furtador de mapas, desenterrador de notícias” (ESCAMILLA GONZÁLEZ, 2000, p. 212).

⁵ “[...] que o italiano viveu entre dos mundos: o dos antiquários do Barroco, ocupados em recriar as origens de cultos religiosos com técnicas variadas, e o dos críticos da Ilustração, dedicados a descartar como absurdas as narrativas do passado criadas pelos cronistas e historiadores da Renascença e do Barroco.” (CAÑIZARES ESGUERRA, 2007, p. 215, tradução nossa).

Havia, certamente, algo de excessivo nesse projeto de se legitimar como o cronista que finalmente desvendaria os sentidos passados e futuros da miraculosa aparição. Podia ser exagerado se apresentar como “*Historiador de Nuestra Señora Madre y Patrona la Virgen Santísima de Guadalupe*”. Todavia, houve algo ainda mais desmedido, e mais fatal, que teve a ver não com a investigação dos documentos achados nem com as interpretações e hipóteses que o italiano podia levantar, mas com uma iniciativa pautada por fins simbólicos e monetários: a coroação da Virgem. Recluído no santuário de Guadalupe, rodeado de documentos antigos que pacientemente decifrava ou imaginava decifrar, Boturini elaborou uma proposta de um alto impacto público, a ser considerada como fruto incontestado de devoção e justa oferenda. Sua intenção consistia em dotar à imagem da virgem de uma coroa de ouro, financiada mediante doações que ele mesmo se encarregaria de promover e administrar.

Com esse propósito, escreveu cartas ao Vaticano, solicitando a graça de impulsionar a coroação. Cabia a Roma autorizar esse enaltecimento das imagens taumaturgas, mas o processo era mais complexo e não dependia de uma única instância. Mesmo que o Vaticano, de fato, concedera o pedido em 1740, a solicitação devia ter passado antes pelo arcebispo do México, Juan Antonio Vizarrón, e ser referendada pelo Conselho de Índias. Apelando diretamente às autoridades romanas, Boturini havia evitado cumprir as etapas necessárias do processo, omissão ou falha que foi motivo de imediatas suspeitas. Além do descaso com as hierarquias locais, que viam a empresa como uma tentativa de enriquecimento ilícito, Boturini era estrangeiro, e nem sequer, mesmo depois de anos de permanência, estava residindo legalmente na Nova Espanha. Supondo que a concessão vaticana seria suficiente para cumprir seus objetivos, o italiano continuou escrevendo várias cartas, que careciam de toda licença civil ou eclesiástica, solicitando donativos para o projeto. Uma dessas missivas petitorias chegaria a mãos de Pedro Cebrián y Agustín, conde de Fuenclara, que em 1742 estava chegando à capital para assumir seu cargo como novo vice-rei. Nessas circunstâncias, parecia inevitável que um estrangeiro considerado ilegal, que indevidamente solicitava recursos que não lhe corresponderia gerenciar, fosse alvo de uma causa judicial. Um estrangeiro que, ainda por cima, havia se antecipado às autoridades mexicanas na ideia de coroar a Virgem, e que parecia estar demasiadamente interessado em reivindicar a memória indígena. Diante dessas condições, como seria esperável, Boturini acabou sendo confinado. Inocente ou culpável, a condena fez duas vítimas: ele próprio e sua coleção.

Sem poder continuar seus estudos, espoliado dos seus documentos e sem reconhecer os delitos que lhe eram imputados, Boturini escreveu uma série de cartas para o arcebispo e para o vice-rei, mas não obteve respostas satisfatórias que pudessem reverter sua situação. Decide então, nesse ingrato ano de 1743, dirigir-se diretamente ao rei. Pouco poderia se esperar de Felipe V, que estava no ocaso do seu longo mandato e perto do fim da sua vida. Estava longe de ser aquela figura elegante e segura de si que Jean Ranc havia retratado vinte anos antes⁶. Para Boturini, contudo, era a reserva, talvez a única, de justiça; a última

⁶ A tela, “Felipe V a caballo”, pintada por Jean Ranc em 1723, faz parte das coleções do Museo del Prado.

e definitiva instância que, perante as tendenciosas imposições dos seus inimigos novo-hispanos, seria capaz de restaurar seu nome e sua reputação.

São ao todo seis cartas, que o italiano escreve, em latim, entre abril e novembro de 1743, acompanhadas por documentação comprovatória. As cinco primeiras foram enviadas da cidade do México, e remetidas da Sala Capitular, salvo a quinta, em que o autor explicitamente indica estar “*bajo la custodia de la Cárcel de Palacio*”. A sexta e última foi redigida em San Juan de Ulúa, quando já estava prestes a embarcar degredado para Espanha.

As cartas são firmes e apoloéticas, como correspondia às circunstâncias. Boturini invoca vários recursos para apelar em favor da sua inocência. Previsivelmente, o primeiro deles consiste em enfatizar seu papel de vítima:

*Entre tanto, como yo deploraba [lamentaba] la distancia de una y otra Orbe y las incomodidades de esto, sin el permiso del Metropolitano, di a conocer a los Ilustrísimos Señores Obispos Sufragáneos, a las ciudades y a las provincias la nueva gloria de la Virgen de Guadalupe en tanto que Patrona General, con esta consideración, para que estuviesen dispuestos a hacerme llegar algunas ayudas consistentes en oro y perlas a favor de la construcción y ornato de una Corona de Oro para la Madre de Dios, y en principio la fortuna soplabla favorable a mi empresa; pero he aquí que más adelante, nada más sentarse al mando del timón Vuestro Virrey el Conde de Fuenclara, la corona de la virgen empezó a ponerse en peligro, mi amor y devoción eran considerados delito.*⁷ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 166).

Talvez tenha sido algo descuidado, e alguns fatores podem ter conspirado contra si, mas é a partir da intervenção do vice-rei quando um mero mal-entendido ou um gesto apressado se transformam em uma conduta grave e punível. O vice-rei e o arcebispo Vizarrón, e sua coorte de caluniadores, são os antagonistas sempre invocados, não por encarnar as obscuras urdiduras da burocracia, que Boturini não discute, mas por demonstrar uma aversão pessoal, tão injustificada quando iníqua, contra um simples devoto incondicional da Virgem. São eles, o talvez o Diabo, os que conspiram, e não só contra ele próprio, mas também contra a figura mesma da Virgem; são eles que, com suas maldades, a impedem de ser coroada. Precisamente, a figura do devoto martirizado, martirizado a causa da sua devoção, é a dramatis persona que o italiano assume para se defender perante o rei. A primeira carta já delineia essa figura:

⁷ “Entretanto, como eu deplorava a distância entre um e outro Orbe e as incomodidades disto, sem a licença do Metropolitano, dei a conhecer aos Ilustríssimos Senhores Bispos, às cidades e às províncias a nova glória da Virgem de Guadalupe como Padroeira Geral, com esta consideração, para que estivessem dispostos a me enviar algumas ajudas consistentes em ouro e pérolas em favor da construção e ornato de uma Coroa de Ouro para a Mãe de Deus, e em princípio a fortuna era favorável a minha empresa; mas, eis que daqui em diante, quando Vosso Vice-rei o Conde de Fuenclara tomou as rédeas, a coroa da virgem começou a ficar em perigo, e meu amor e devoção eram considerados delito.” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 166, tradução nossa).

*Los habitantes de las Américas tienen comprobado con qué trabajo, con qué dispendios, con qué esmero haya yo derramado por largo tiempo mi sudor buscando, más bien mendigando, de puerta en puerta estos manuscritos de los indios, imágenes pintadas y restantes testimonios de asuntos pasados por los cuales las apariciones de la Taumaturga Virgen de Guadalupe puedan conservarse en buen estado de conservación y ser reclamadas al nubarrón del olvido.*⁸ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 164).

Cumprindo uma “*empresa casi desesperada*”, entregue às árduas recompensas do saber, quase como um eremita, diligente compilador de papéis perdidos movido pelo sublime intuito de colocar a Virgem e o México no lugar que mereciam na história universal, Boturini no entanto havia recebido escárnio e padecimentos

*Yo en el día cuatro de febrero era arrojado a la cárcel, mi Archivo, primero era entregado en depósito, luego era trasladado a las Cajas Reales sin ser yo oído y sin tenerse en cuenta el legítimo inventario, mis cartas circulares son reunidas por todas las tierras [en todas partes] y, secretamente se hacen pesquisas contra mí como si, ¡ay dolor!, de un ladrón de la Virgen se tratara.*⁹ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 166).

É essa “*la triste Iliada de mis desgracias*”, cujas estrofes estão compostas pela “*falacia de las mentiras*” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 168), como d. Lorenzo define as vicissitudes pelas que estava passando na sua “*apaleada vida*”. Ele, que de ser o

*Caballero Boturini Benaduci, Señor de Torre [y] Hono, Ilustre Varón, Europeo, un hombre de Letras, Historiador, el mayor amante de la verdad y bondad naturales, havia sido convertido en “un cierto Lorenzo corrompido, extranjero, sospechoso al Gobierno, casi un petimetre, un bribón, el último hombre de la plebe, pernicioso a la República”.*¹⁰ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 170).

⁸ “Os habitantes das Américas têm comprovado com que trabalho, com que dispêndios, com que esmero tenha eu derramado por longo tempo meu suor buscando, ou melhor dizendo mendigando, de porta em porta esses manuscritos dos índios, imagens pintadas e restantes testemunhos de assuntos passados pelos quais as aparições da Taumaturga Virgem de Guadalupe possam ser mantidas em bom estado de conservação e ser resgatadas das nuvens do esquecimento” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 164, tradução nossa).

⁹ “Eu no dia quatro de fevereiro era jogado no cárcere, meu Arquivo, primeiro era entregue em depósito, depois era trasladado às Cajas Reales sem ser eu ouvido e sem ter em conta alguma o legítimo inventário, minhas cartas circulares são reunidas por todas as terras [em todas as partes] e, secretamente são feitas indagações contra mim, como se, ai que dor!, de um ladrão da Virgem se tratasse” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 166, tradução nossa).

¹⁰ “Cavaleiro Boturini Benaduci, Senhor da Torre [y] Hono, Ilustre Varão, Europeu, um homem de Letras, Historiador, o maior amante da verdade e bondade naturais, havia sido convertido em ‘um certo Lorenzo corrompido, estrangeiro, suspeito diante do Governo, quase um falsário, um malandro, o último homem da plebe, pernicioso para a República’ ” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 170, tradução nossa).

Uma e outra vez alega inocência, explica como tudo aconteceu, relembra os padecimentos sofridos em sete anos de devotas investigações, reclama por não ter sido ouvido, impreca contra os invejosos e malvados, e solicita a devolução dos seus arquivos. Elabora um Catálogo, enumerando os manuscritos da sua coleção. Pede ao rei que o considere seu vassalo, perante o risco certo de ser expulso do país. Confiava, enfim, que a palavra escrita e a interlocução com o soberano seriam os instrumentos últimos que bastariam para cancelar todo seu infortúnio. O dom da persuasão que esperava instilar nas suas cartas, e a consequente ação reparadora do rei seriam, assim, os definitivos “*fármacos de Justicia*” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 186) que tanto precisava receber.

Além dos argumentos e petições pontuais, as cartas, especialmente a quarta, preservam certo tom memorialístico, que remete ao começo da sua estadia na Nova Espanha e a suas primeiras impressões diante da Virgem. É notável como descreve esse primeiro encontro com a imagem, que evoca uma espécie de rpto amoroso:

[...] *con la primera contemplación de la Angélica Imagen, mi corazón empezó a arder de amor del mismo modo que mi mente a verse agitada por profundos pensamientos, ya que veía la Belleza desusada, la más dulce en el Cielo y soberana de América llena de misericordia, los ojos bajos como los de una paloma medio dormida o de una tórtola que medita en soledad, los cabellos con toda discreción esparcidos por su espalda, como crías de ciervos por los montes de Bethez, el labio exquisito, más dulce que el cinamomo, el rostro de color trigueño, que había decolorado un sol de justicia, el cuello doblado, y a nosotros por piedad continuamente inclinado.*¹¹ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 177).

Como a um outro Juan Diego, essa visão o havia impelido definitivamente a empreender uma missão: buscar informações, indagar entre os habitantes das cidades e dos *pueblos*, interrogar documentos. A visão faz de Boturini um Historiador, o historiador do assunto mais sagrado e mais transcendente da Nova Espanha e do Novo Mundo. Assim se define o italiano, como um outro Salomão, um arauto da Sabedoria. Sete anos depois, porém, a história não estava escrita, e o arauto nem poderia ser tal, diante das injustiças que estava padecendo. Nesse momento, como um outro Jesus na sexta-feira, todas suas perspectivas eram ominosas. Estava preso, “[...] *con sumas miserias y desdichas, manteniéndose y comiendo de limosna como outro cualquier mendigo*”¹² (BALLESTEROS GAIBROIS, 1990, p. XIV), como informa o ouvidor da Real Audiencia Domingo

¹¹ “[...] com a primeira contemplação da Angélica Imagem, meu coração começou a arder de amor do mesmo modo que minha mente foi agitada por profundos pensamentos, já que contemplava a Beleza desusada, a mais doce no Céu e soberana da América plena de misericórdia, os olhos entornados como os de um pombo meio dormido ou de uma pomba que medita em solidão, os cabelos discretamente espalhados pelas suas costas, como crías de cervos pelos montes de Bethez, o lábio magnífico, mais doce do que a canela, o rosto de cor morena, matizado por um sol de justiça, o pescoço curvado, e para nós por piedade continuamente inclinado.” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 177, tradução nossa).

¹² “[...] com muitas misérias e infelicidades, mantendo-me e comendo da esmola como um mendigo qualquer” (BALLESTEROS GAIBROIS, 1990, p. XIV, tradução nossa).

Varcárcel, que fora visitá-lo durante seu cativeiro. Na quinta carta, escrita no cárcere do palácio, Boturini narra com acrimônia os sucessivos traslados que havia sofrido em condição de réu, da Sala capitular à infame prisão conhecida como “La Bartolina”, “[...] donde reciben su castigo todos los criminales y los más deshonrosos, con el mayor dolor de todos los Hombres de bien”¹³ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 182). Ali, em tão precárias condições, sua saúde esteve em sério risco, mas poucos dias depois foi conduzido ao Cárcere Real. Seriam essas suas últimas semanas na cidade do México.

Refletido no espelho de Juan Diego, de Salomão e de Jesus, Boturini narra sua veneração, suas missões e seus sofrimentos. Todavia, nenhuma dessas comparações seriam úteis para sua causa. No seio da república das letras que o expulsara, havia querido ser respeitado como um historiador certo e como um devoto das glórias mexicanas, mas fora tratado como um turista diletante, ou muito pior ainda, como um arrivista. Retornado a Espanha, seus bens sequestrados e manchada a sua honra, não deixaria de livrar a mesma ingloria batalha que havia travado nos cárceres da Nova Espanha.

Em Madrid foi recebido pelo *poblano* Mariano Fernández de Echeverría y Veytia, que também cultivava o interesse pelas antiguidades mexicanas e que, anos mais tarde, iria receber alguns dos documentos que haviam integrado a coleção do italiano. Esse amparo favoreceu uma intensa colaboração intelectual entre os dois historiadores. Do outro lado do Atlântico, Boturini continuava padecendo e alimentando as urgências que sustentavam suas justas causas: reivindicar seu nome, recuperar seu arquivo, escrever sua História. Nos onze anos que ainda restavam da sua vida, foi parcialmente bem-sucedido -ou parcialmente fracassado. Em 1746 foi declarado inocente, e nomeado por Real Cédula como “Cronista en las Indias”, cargo que, como Ballesteros Gaibrois (1990, p. XXII) lembra, era muito diferente do oficial e palaciano “Cronista de Indias”. Neste caso, a preposição *en* indicava a autorização para retornar à Nova Espanha e prosseguir com suas investigações, algo que, contudo, nunca aconteceria.

Nesse mesmo ano publica a *Idea de una nueva historia general de la América septentrional*, que provavelmente havia começado a escrever no México, espécie de esboço de um tratado muito maior que pretendia redigir e que não foi concluído. O Conselho de Índias aprovava a edição, com todos os pareceres e panegíricos requeridos, mas essa decisão foi depois retificada. De toda forma, já era tarde, o volume estava no prelo e seria publicado em junho desse 1746¹⁴. Mesmo sob a proteção de amigos influentes nas instituições madrilenhas, não recebeu o salário prometido, manteve uma existência modesta, e jamais pode reaver os prezados documentos da sua coleção, que permanecia em deterioro no México e seria paulatinamente desarticulada durante as décadas seguintes. Em 1751, em carta a José Cevallos, escreveria esta desolada confissão: “*Mi edad es de 48 años, soy soltero; hablo siete lenguas; y todo lo dicho es nada, pues no soy sino tierra, y polvo, vanidad de vanidades, y fuera mejor para mí, si hubiese servido a*

¹³ “[...] onde recebem seu castigo todos os criminais e os mais desonrados, com a maior dor de todos os Homens de bem” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 182, tradução nossa).

¹⁴ Ver CAÑIZARES ESGUERRA, 2007, capítulo 3.

Dios, y evitado ofenderle”¹⁵ (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 9).

Como seu título indica, Boturini não escreve uma história cronológica das civilizações pré-cortesianas, mas uma *ideia*, uma teoria que discorre acerca dos modos em que essa história devia ser pensada e rememorada. Essa teoria estava permeada pela onipresente evocação de Ovídio e pelo pensamento de Giambattista Vico, mas não se reduzia a uma aplicação das metamorfoses cantadas pelo poeta nem a uma mera adequação dos princípios postulados pelo autor da *Scienza nuova* [1725]. Como afirma Álvaro Matute Aguirre (2010, p. 221),

*Boturini comprendió a Vico, acaso de manera intuitiva, en sus aspectos fundamentales a partir del que podemos establecer como principal, a saber, que la ciencia nueva tenía por objeto la naturaleza común de las naciones y que dicha naturaleza común era en aquello en lo cual se manifestaba la Providencia. Cada nación atravesaba por el mismo proceso, con sus características peculiares, sin repetirlo de manera exacta, sino en una suerte de adecuación a lo que cada una demandaba. Así, la Idea no es mera copia o traducción de la Ciencia nueva, como quisieron leer quienes no comprendieron a uno y a otro. Es una verdadera asimilación y aplicación sin forzar los elementos constitutivos.*¹⁶

Ambos partilhavam a convicção de que os modelos analíticos que embasavam a filosofia da história eram insuficientes ou inadequados, e que havia que postular algo novo, uma nova ciência, uma nova história. Essa novidade estava baseada em pelo menos quatro alicerces: o pressuposto de um devir comum, inserido em um marco providencialista, que regia a humanidade; o estudo filológico e a evolução dos vínculos entre as civilizações, a linguagem e a escrita; a postulação de um método preciso para articular as forças criadoras da imaginação e da reflexão, da sabedoria poética e da sabedoria racional, e a condição de ler as singularidades das nações através dos grandes ciclos que progressivamente governariam a experiência humana. Esses grandes ciclos temporais eram três, com seus correspondentes usos linguísticos, formas de governo e jurisprudências: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Seguindo ao “*doctíssimo Varron*” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 7), e sem citar Vico, Boturini aplica essa mesma periodização para entender a história dos antigos mexicanos.

¹⁵ “Minha idade é de 48 anos, sou solteiro; domino sete línguas; e isso tudo não é nada, pois não sou mais que terra, e pó, vaidade de vaidades, e fosse melhor para mim, se houvesse servido a Deus, e evitado lhe ofender.” (GONZÁLEZ DEL CAMPO; HERNÁNDEZ PALOMO, 2010, p. 9, tradução nossa).

¹⁶ “Boturini compreendeu Vico, talvez de maneira intuitiva, nos seus aspectos fundamentais a partir daquele que podemos estabelecer como o principal, ou seja, que a ciência nova tinha por objeto a natureza comum das nações e que tal natureza comum era onde se manifestava a Providência. Cada nação atravessava pelo mesmo processo, com suas características peculiares, sem repeti-lo de forma exata, mas em uma espécie de adequação ao que cada uma demandava. Assim, a Ideia não é mera cópia ou tradução da Ciencia nueva, como pretenderam interpretar aqueles que não compreenderam nenhuma das duas obras. É uma verdadeira assimilação e aplicação sem forçar os elementos constitutivos.” (MATUTE AGUIRRE, 2010, p. 221, tradução nossa).

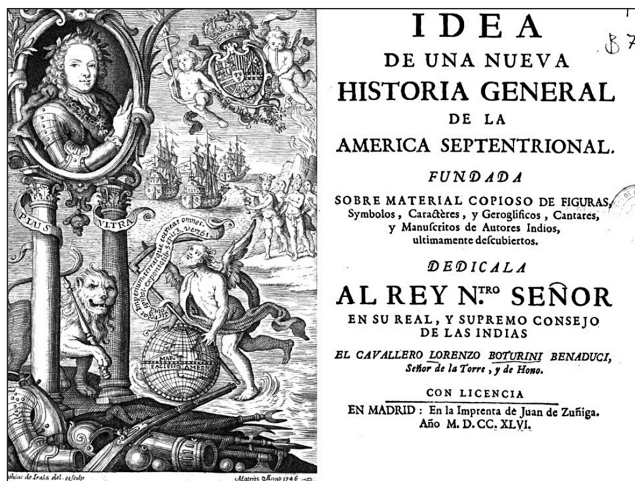
Para Boturini, a história mexicana ilustrava e comprovava perfeitamente essa progressão. Mesmo que tivesse sido narrada muitas vezes antes por cronistas americanos e europeus, poucos, ou talvez nenhum deles, haviam contado com tantos materiais e documentos como os que o italiano havia compilado e estudado. Por isso sua história seria nova e útil, porque derivava desse arquivo nunca antes reunido, e porque estava balizada pela teoria mais justa e compreensiva. É que, para Boturini, os passados mexicanos apresentavam tantas e determinadas excelências que pareciam ter sido vividos, desde os tempos mais remotos, para ser descritos dessa inovadora forma. Sonho do historiador, que imagina um método feito à medida do seu objeto: um método que, portanto, circularmente legitima a invenção e o saber do próprio historiador.

No próêmio da sua obra, o autor enumera algumas dessas singulares excelências, que poderiam ser extensivas a outras regiões americanas. Em primeiro lugar, contar com registros escritos e mnemônicos, “*Figuras, Symbolos, Caracteres y Geroglíficos, que encierran en si um mar de erudicion*”, “*nudos de vários colores, que en idioma de los Peruanos se llaman Quipu*”, “*Cantares de exquisitas metáforas y elevados conceptos*”, além dos textos escritos depois da conquista em “*lengua Indiana y Castellana*”¹⁷ (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2). Em segundo lugar, possuir um amplo conhecimento astronômico, que permitia desenhar seus calendários e compreender o Tempo, dividido em quatro períodos ou cursos solares, desde a Criação do mundo até a chegada dos espanhóis. Em terceiro lugar, cultivar a arte da cartografia, evidência de um profundo domínio do território. Em quarto, a consciência histórica, que preservava “*las cosas dignas de memoria*” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 5). Escrita, Cronologia, Geografia, História são as virtudes desse passado indiano, que, para Boturini Benaduci (1746b, p. 2), permitem afirmar que “[...] *no solo puede competir esta Historia con las más célebres de el Orbe, sino también excederlas*”.¹⁸

¹⁷ “Figuras, Símbolos, Caracteres y Hieroglíficos, que contém em si um mar de erudição”, “nos de várias cores, que em idioma dos Peruanos são chamados de Quipu”, “Cantares de esplêndidas metáforas e elevados conceitos”, além dos textos escritos depois da conquista em “Língua Indiana e Castelhana” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2, tradução nossa).

¹⁸ “[...] não apenas pode competir esta História com as mais célebres do Orbe, mas também excedê-las” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2, tradução nossa).

Figura 1 – Retrato de Boturini no frontispício da *Idea de una nueva historia general de la América Septentrional*, 1746



Fonte: BOTURINI BENADUCI, 1746b.

Seguindo a sua divisão em três eras, Boturini analisa o nome das deidades mexicanas que imperaram na primeira idade. Através do estudo etimológico, descobre que na composição desses nomes, podia ser lida toda a história posterior ao Dilúvio, as errâncias dos homens e das mulheres que haviam habitado aquela terra, com seus temores, suas fábulas, seus confrontos com o mundo natural e com a morte. Após o tempo divino irrompe o tempo heroico, ao qual o autor dedica a maior quantidade de páginas da sua *Idea*. É o tempo da agricultura, do reconhecimento nas esferas celestes dos símbolos que marcam a passagem dos dias, dos meses e dos anos, do culto da guerra, da criação das formas de governo, da aplicação das artes mecânicas, e da ascensão dos Toltecas. Estudando esses fenômenos, encontra equivalências com as figuras e sucessos das mitologias clássicas, relembra as *Metamorfoses* de Ovídio e os versos de Virgílio. No âmbito tolteca, no ano 660, o célebre astrônomo Huematzin pinta “[...] *aquel gran libro, que llamaron Teoamoxtli, esto es, Libro Divino*”¹⁹ (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 139), no qual estavam escritas todas as coisas. A partir de então, são criadas as condições para a emergência da terceira idade, o tempo humano ou histórico, que assiste à consolidação da escrita e ao surgimento de novas nações e novos impérios: chichimecos, tecpanecos, teochichimecos, mexicas, tlatelolcas, até finalmente desembocar na “[...] *gloriosa Conquista, que hicieron los Españoles bajo el mando del célebre, y jamás bastanteamente alabado Don Fernando Cortés*”²⁰ (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 151).

¹⁹ “[...] aquele grande livro, que chamaram de Teoamoxtli, quer dizer, Livro Divino” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 139, tradução nossa).

²⁰ “[...] gloriosa Conquista, que fizeram os Espanhóis sob o mando do célebre, e jamais bastanteamente alabado, Don Fernando Cortés” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 151, tradução nossa).

Com esta visão do passado, que, como dissemos, era apenas um epítome, uma Ideia a ser posteriormente ampliada com mais sólidos argumentos, Boturini Benaduci (1746b, p. 160) pretendia elaborar uma “*Historia General de los Imperios, Reynos y Republicas, que se fundaron en la América Septentrional, no diminuta, sino completa, y que ande con la más posible coordinación a unirse, y perpetuarse con la Sagrada*”²¹. Seria uma História “*Nueva en el material ha poco descubierto, Nueva en el método, y su interpretación, Nueva en la perpetuidad, y Nueva en la utilidad*”²² (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 167). Para isso, certamente, seria fundamental recuperar o “Archivo prodigioso de documentos celebérrimos” que as autoridades novo-hispanas lhe haviam confiscado. Tomando como base o catálogo que havia escrito enquanto estava preso no México, junto com a *Idea* Boturini publica um anexo com o detalhe de todos os títulos dos manuscritos e livros que estavam (ainda) do outro lado do oceano. Era seu *Catálogo del Museo Histórico Indiano*.

Com esse vasto material sonhava finalmente compor “*una Obra Magna, que se puede escribir en varios tomos, adornada con láminas de los más peregrinos documentos*”, sempre que (como não deixa de advertir invocando mais uma vez o mudo destinatário das suas cartas escritas na prisão), “[...] el Invicto, y Clementissimo Monarca Catholico, se digne proteger, y ayudar con su soberano amparo, mis leales esfuerzos”²³ (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2). Boturini Benaduci (1746b, p. 2) define os documentos como “*Tesoros Científicos, escondidos baxo los simulacros de innumerables Figuras, Cifras, Caracteres, y Geroglíficos*”²⁴. Obtidos à custa de enormes sacrifícios, gastos e obstinações, que o italiano novamente menciona, constituem, em definitivo, como afirma, “[...] la única Hacienda que tengo, en Indias, y tan preciosa, que no la trocará por oro, y plata, por diamantes, y perlas”²⁵ (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 3).

O *Catálogo* apresenta assim um cuidadoso sumário, em que mapas e manuscritos aparecem organizados por nações e regiões (história tlaxcalteca em maior medida, mas também “tulteca”, “chicpaneca”, chichimeca, de Michoacan, de “Huexotzinco”, etc.), ou por temas (tributos, doutrina cristã e catecismos, história eclesiástica, história de Guadalupe, etc.). Há também “manuscritos eruditos”, e livros mexicanos impressos, além de uma copiosa seção destinada a reunir os calendários indianos. Cada uma das peças será brevemente descrita nas páginas do *Catálogo*, com a anotação de precisas informações, tais como as características físicas do objeto, a época à qual corresponde, a temática que

²¹ “História Geral dos Impérios, Reinos e Repúblicas, que foram fundados na América Septentrional, não diminuta, mas completa, e que venha com a mais possível coordenação a se unir, e se perpetuar, com a Sagrada.” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 160, tradução nossa).

²² “Nova no material há pouco descoberto, Nova no método, e sua interpretação, Nova na perpetuidade, e Nova na utilidade.” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 167, tradução nossa).

²³ “[...] o Invicto, e Clementíssimo Monarca Católico, se digne proteger, e ajudar com seu soberano amparo, meus leais esforços.” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2, tradução nossa).

²⁴ “Tesouros Científicos, escondidos sob os simulacros de inumeráveis Figuras, Cifras, Caracteres e Hieroglíficos” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 2, tradução nossa).

²⁵ “[...] o único Bem que tenho, nas Índias, e tão precioso, que não o trocaria por ouro, e prata, por diamantes, e pérolas” (BOTURINI BENADUCI, 1746b, p. 3, tradução nossa).

aborda, se se tratava de uma cópia ou era um manuscrito original, o tamanho aproximado e o material em que estavam realizados os mapas e textos (papel indiano, papel europeu, algodão), a autoria (quando podia ser determinada), a língua em que estavam escritos, a respectiva quantidade de páginas, acrescentando dados contextuais sucintos em alguns casos, em outros (como nos calendários) um pouco mais extensos. Neste caso, Boturini também polemiza com Gemelli Careri e oferece algumas notícias sobre o uso que pretende dar a esses calendários na sua projetada, mas nunca escrita, História. Da mesma forma, na seção correspondente aos textos guadalupanos, anuncia sua intenção de adjudicar a Antonio Valeriano, com provas incontestes, a autoria do texto hoje conhecido como *Nican Mopohua*, que, como dissemos, havia sido publicado por Lasso de la Vega. A longa enumeração conclui com uma advertência: não se trata de uma lista completa. “En mi estante”, escreve Boturini Benaduci (1746a, p. 96), “[...] *se hallan otros más Documentos de los que aquí se especifican, pero, por ser flaca la memoria, y voluminosos los papeles, no me pude acordar de todos, pues cuando escribí este Catálogo, me hallaba apartado de mi Archivo*”.²⁶

“Na minha estante”, diz o italiano, como se todos esses volumes estivessem no outro quarto, ao alcance da mão. Sabe, porém, que o único lugar onde ainda permanecem é na sua memória, por enquanto. Permaneceria, lá na Nova Espanha, ainda completa a coleção? Estaria bem preservada, longe da depredação, do abandono, do esquecimento? Seria possível algum dia recuperar todo esse material? É provável que, uma e outra vez, Boturini formulasse essas perguntas (que também eram temores e suspeitas) que não podia responder. Ou quiçá sua forma de respondê-las era escrevendo um catálogo fantasmal, onde cada peça continuava ainda ocupando seu lugar, com sua respectiva identificação explicativa, com sua imaginária colocação em uma biblioteca mexicana que, contudo, agora era incerta, e estava sujeita para sempre a desaparecer. Boturini evoca seu museu histórico indiano porque conserva as esperanças de reavê-lo, porque está ainda disposto a reclamar o que é seu perante todas as instâncias possíveis. Porém, nesse 1746, depois de tantas penúrias e mal-entendidos, estavam, na verdade, sendo confirmados os personagens que lhe tocava representar e padecer até o fim dos seus dias: Boturini, o cronista da Virgem, havia se transformado já em arquivista frustrado, em antiquário de lembranças esvaídas, em colecionador de coisas extraviadas do outro lado do mar. Três anos depois, quando as possibilidades de recuperar seu tesouro de manuscritos se tornavam cada vez mais remotas, conseguiu concluir, sem o auxílio dos seus amados documentos, o volume inicial da sua *Historia general de la América septentrional*. Ali anunciava “*otros muchos que le seguirán*” (BALLESTEROS GAIBROIS, 1990, p. 4). Publicado duzentos anos depois, em 1949, esse seria o primeiro e também o único tomo existente da magna obra sonhada.

Embora se definisse antes de tudo como historiador das coisas passadas e colecionador de antiguidades, a figura de Boturini, com seu rosário de aventuras e desventuras, com suas memórias do cárcere e seus projetos truncados, estava plenamente

²⁶ “[...] se encontram outros Documentos além dos que aqui se especificam, mas, por ser fraca a memória, e volumosos os papéis, não pude lembrar de todos, pois quando escrevi este Catálogo, estava afastado do meu Arquivo” (BOTURINI BENADUCI, 1746a, p. 96, tradução nossa).

inscrita no tempo presente dessa primeira metade do Setecentos novo-hispano. Os debates sobre modelos historiográficos, as tensões entre a tradição barroca e as ideias iluministas, a entronização da Virgem, seus vínculos (exaltados, mas vistos também como potencialmente perigosos) com a devoção popular, com as populações indígenas e com a história americana, a percepção positiva ou negativa das culturas pré-hispânicas, as opiniões divergentes que alimentavam a chamada polêmica do Novo Mundo, e a avaliação das ações e consequências da conquista espanhola das Índias eram assuntos prementes, que definiram não só o destino, a transitória aceitação e a final marginalização das empresas do italiano, mas também as disputas que o México e a Espanha bourbônicos estavam tendo com seus próprios passados, e também com as próprias aspirações que projetavam sobre os sempre difusos horizontes do porvir.

CORRADI, A. Lorenzo Boturini and his memories from incarceration. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 15-30, jan./jun. 2020.

- **ABSTRACT:** *During his years of stay in New Spain (1736-1743), the Italian Lorenzo Boturini managed to gather the widest collection of pre-Hispanic and colonial documents. With these documents, and under the inspiration of the Virgin of Guadalupe (which was also his key to rewriting American history), he published the Idea o Ensayo de una nueva Historia General de la América Septentrional [1746], outline of a great history of the Indies that he would never be able to conclude. Disagreements with the authorities and accusations interrupted this project, and motivated the dramatic events that marked his life: the dispersion of his collection, prison and exile. Eight months he spent in prison, during which he tried in vain to defend himself, before he was definitively deported. As a last resort to obtain his freedom and recover his confiscated collection, during this period he wrote six letters in Latin, addressed to King Philip V, which will be analyzed in this work.*
- **KEYWORDS:** *Boturini. New Spain. Letters.*

Referências

- ANTEI, G. El viajero virtuoso. In: VV.AA. **Memorias del Coloquio el Caballero Lorenzo Boturini entre dos mundos y dos historias**. México: Museo de la Basílica de Guadalupe, 2010. p. 7-30.
- BALLESTEROS GAIBROIS, M. Estudio preliminar. In: BOTURINI BENADUCI, L. **Historia general de la América septentrional**. México: UNAM, 1990. p. I-LIV.
- BOTURINI, BENADUCI L. **Catalogo del Museo historico indiano del cavallero Lorenzo Boturini Benaduci, señor de la Torre y de Hono: quien llegó a la Nueva España por febrero del año 1736**. Madrid: [s. n.], 1746a.

BOTURINI BENADUCI, L. **Idea de una nueva historia general de la America septentrional: fundada sobre material copioso de figuras, symbolos, caracteres, y geroglificos, cantares, y manuscritos de autores indios, últimamente descubiertos.** Madrid: Imprenta de Juan de Zúñiga, 1746b.

CAÑIZARES ESGUERRA, J. **Como escribir la historia del Nuevo Mundo: historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII.** México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

CUENYA, M. A. Peste en una ciudad novohispana: el matlazahuatl de 1737 en la Puebla de los Ángeles. **Estudios Americanos**, Sevilla, v.53, n. 2, p. 51-70, 1996.

ESCAMILLA GONZÁLEZ, I. Máquinas troyanas: el guadalupanismo y la ilustración novohispana. **Relaciones: estudios de historia y sociedad**, Zamora, v. 21, n. 82, p. 199-232, 2000.

GONZÁLEZ DEL CAMPO, G.; HERNÁNDEZ PALOMO, J. Boturini o las desventuras de un devoto guadalupano: seis cartas desde la cárcel. **Estudios de Historia Novohispana**, México, n. 42, p. 151-205, 2010.

LEÓN PORTILLA, M. **Tonantzin Guadalupe: pensamiento náhuatl y mensaje cristiano en el Nican mopohua.** México: El Colegio Nacional: Fondo de Cultura Económica, 2000.

MATUTE AGUIRRE, A. El pensamiento histórico de Lorenzo Boturini. In: VV.AA. **Memorias del Coloquio El caballero Lorenzo Boturini entre dos mundos y dos historias.** México: Museo de la Basílica de Guadalupe, 2010. p. 216-233.

RUBIAL GARCÍA, A.; ESCAMILLA GONZÁLEZ, I. Un Edipo ingeniosísimo: Carlos de Sigüenza y Góngora y su fama en el siglo XVII. In: MAYER, A. (coord.). **Carlos de Sigüenza y Góngora: homenaje 1700-2000.** México: UNAM, 2002. p. 205-222.